

Anúncio prematuro

EM "Crônica da morte anunciada", o escritor Gabriel Garcia Marquez descreve a curiosa situação de uma cidade onde um assassinato está prestes a ocorrer. Todos os habitantes sabem do perigo que a vítima em potencial está correndo, mas comportam-se como se nada estivesse por acontecer.

AO considerar o fenômeno da hiperinflação como inevitável, alguns segmentos da sociedade brasileira estão também se comportando como essas personagens de Garcia Marquez, esperando pela "morte anunciada". Não é, certamente, a postura de que o País precisa para evitar o desastre.

O MOMENTO, sem dúvida, é muito difícil, mas nada é menos aconselhável que assumir a postura do perdedor diante de um jogo que está longe de terminar e no qual há ainda possibilidades de vitória. A inflação, na verdade, voltou aos níveis em que se encontrava no início do ano, e nada indica que as condições econômicas atuais es-

tejam mais desfavoráveis do que as do mês de janeiro. É até possível que estejam mais favoráveis.

DIANTE do fracasso da terceira tentativa de neutralizar a inflação através de congelamentos de preços, o Governo finalmente parece ter se conscientizado de que precisa conter seus gastos, ainda que isto possa representar, para toda a sociedade, um elevado custo a curto prazo. Assim, o déficit público, no conceito operacional (despesas menos receitas, excluindo-se encargos financeiros), deve ter ficado abaixo de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro semestre do ano. A não ser que a insensatez passe a dominar as autoridades daqui por diante, tudo leva a crer que é possível segurar esse déficit durante o segundo semestre, de modo que o total do ano se situe abaixo dos 4,1% registrados em 1988.

A CONTENÇÃO dos pagamentos feitos pelo Tesouro Nacional já se refletiu nos resultados da política monetária em

junho. Pela primeira vez este ano, a expansão da moeda foi bem abaixo da inflação.

BASTA continuar por esse caminho para que a hiperinflação não passe de um pesadelo. Havendo escassez de moeda, a inflação perde o gás que a impulsiona para índices estratosféricos. Na área da produção, o Brasil tem a sorte de não viver, no momento, uma situação de escassez. A nova política salarial, por sua vez, pode ser um mecanismo de menos pressão inflacionária do que a URP. Nas contas externas, há como negociar um entendimento com os credores, que não estão interessados em ver o Brasil em hiperinflação. E até mesmo no Congresso Nacional existe ambiente mais propício à austeridade, como indica a aprovação do projeto que estabelece normas de contenção para o Orçamento de 1989.

É HORA, então, de se manterem fechadas as torneiras da moeda. Estaremos próximos de afugentar de vez essa hiperinflação tão anunciada.